

Um intelectual nada orgânico

A 31 de março, completaram-se cem anos sobre o nascimento de Octavio Paz. Falecido no dia 19 de abril de 1998, foi Prémio Cervantes em 1981 e Nobel da Literatura em 1990. A par do seu contributo literário, demonstrou sempre um interesse apaixonado e crítico pelos assuntos políticos e sociais da época. E na evolução do seu pensamento, não se importou de ir contra corrente, se se tratasse de olhar a realidade sem lentes ideológicas.

As suas obras como poeta e ensaísta deram lugar a uma vasta literatura. Foi o principal escritor latino-americano do século XX (com licença de Borges, Neruda, Cortázar, García Márquez ou Vargas Llosa) pela amplitude dos seus interesses e conhecimentos. Esteve sempre atento aos fenómenos literários, sociais e políticos e comentou-os com assiduidade, através de análises apuradas e de uma prosa excelente, embora às vezes algo difícil de perceber ou de interpretar e, por isso, não muito acessível ao grande público.

A obra ensaística

Octavio Paz é mais considerado como poeta, mas as suas primeiras obras foram ensaios, aspeto que nunca abandonou. De facto, dos treze volumes das suas obras completas, só dois são de poesia. O resto é ensaio. Em ensaio, publicou trinta livros entre 1950 e 1994. Alguns são de crítica literária, de filosofia ou de sociologia da arte: “Marcel Duchamp o el castillo de la pureza”; “Apariencia desnuda”, também sobre Duchamp; “La otra voz. Poesia y fin de siglo”, sobre a Poesia Moderna; “El arco y la lira”; “Las peras del olmo”; “Cuadrivio”; “Puertas al campo”; “Los hijos del limo”; “Inmediaciones”; “Hombres de su siglo”; “La búsqueda del comienzo” (escritos sobre o surrealismo). No seu conjunto, estes ensaios são uma valiosa fonte para o conhecimento da literatura espanhola, latino-americana, francesa e inglesa, além de um comentário preciso sobre as vanguardas artísticas.

Ensaios de uma temática mais ampla são “El laberinto de la soledad”, de 1950, continuado em “Postdata”, de 1969, sobre a

identidade mexicana e a conveniência de superá-la pela universalidade; “Sor Juana Inés de la Cruz o las trampas de la fe”, com a sua discutível hipótese de que a irmã Juana Inés deixou de escrever por culpa da Inquisição; “Corriente alterna” (sobre revolução e rebelião); “Conjunciones y disyunciones” (um estudo sobre o barroco e a natureza humana); “El signo y el garabato” (coletânea sobre a modernidade e os seus desenlaces, teoria e prática da tradução, formação da dissidência, etc.); “Tiempo nublado” (sobre totalitarismo e democracia); “Pequeña crónica de grandes días” (sobre a queda dos regimes comunistas), “Convergencias” (com o discurso que proferiu ao receber o Nobel, “La búsqueda del presente”, inesperado regresso ao tema Modernidade e Pós-modernidade); “La llama doble” (sobre o amor), “Vislumbres de la India”, ou o último, “Itinerario”, autobiográfico. Destaca-se “El ogro filantrópico”, o melhor do seu pensamento político.

Intelectual crítico

Nem ele pretendeu nem se vê na sua obra ensaística algo parecido com um sistema. A sua obra é heterogénea, ainda que, além da crítica literária e artística, tenha escrito muito e bem sobre a linguagem, o tempo, a história, a modernidade, o mito, a liberdade e a necessária crítica ao monstruoso crescimento do Estado.

De tradição revolucionária mexicana por família, na sua juventude colaborou durante um breve período com os intelectuais antifranquistas, quando foi convidado por Pablo Neruda para ir a Espanha durante os primeiros tempos da guerra civil espanhola. A experiência levou-o paradoxalmente a declarar-se cada vez com mais força anticomunista e foi um dos poucos intelectuais a denunciar, já nos anos cinquenta, os crimes de Estaline. Ficou chocado com a repressão que o Partido Comunista Espanhol fez do POUM, um partido minoritário comunista, mas não estalinista.

Em 1962, depois de trabalhar vários anos na carreira diplomática, Octavio Paz foi nomeado embaixador do México na Índia. Em 1968, em protesto contra a violenta repressão do seu governo sobre os estudantes de Tlatelolco durante os Jogos Olímpicos do

México, renunciou ao cargo. A partir de então, Octavio Paz defendeu cada vez mais a independência política do intelectual, porque é o que permite a crítica sem condicionalismos ideológicos. Até finais dos anos noventa, gente da esquerda marxista a quem ele continuava a dirigir-se, porque procedia dela, não começou a perceber, mesmo que muito parcialmente, a fraude histórica do comunismo. Paz seguiu o seu próprio caminho, por vezes atacado à esquerda e à direita.

Detestava a expressão “intelectual orgânico”, na terminologia de Antonio Gramsci, quer dizer, o intelectual ao serviço de uma ideologia. Entendeu bem que, se a inteligência se submetia à ideologia, o que se fica a perder é o plural, a liberdade individual.

Modernidade e pós-modernidade

Atraído pela modernidade, embora consciente de que o termo era equívoco, deu-se conta de que essa modernidade já tinha passado, coisa hoje geralmente admitida. Mas não chegou a uma reflexão profunda sobre a pós-modernidade. “Os homens nunca souberam muito do tempo em que vivem e nós não somos uma exceção a esta regra universal. Chamarmo-nos pós-modernos é uma maneira, afinal ingénua, de dizer que somos muito modernos”.

Na realidade, a produção ensaística de Octavio Paz, sobretudo a partir dos anos setenta, é ela própria muito pós-moderna, fragmentária, eclética. Homem de uma vasta erudição, desejoso de beber em todas as fontes – ocidentais e orientais –, as suas conclusões costumam ser, neste tema da modernidade, ambíguas.

A insuficiente crítica de Paz à modernidade e a ausência na sua obra de uma análise profunda da pós-modernidade devem-se talvez à carência de um pensamento filosófico de base. As suas apreciações são, com frequência, acertadas mas voláteis, mutáveis. Atraem à partida porque Paz, escreva o que escrever, fá-lo com uma linguagem bela e, ao mesmo tempo, enigmática. Mas, ocasionalmente, quando se trata de resumir o que disse, mal se consegue perceber.

Octavio Paz, desiludido pelo fechamento da esquerda clássica, aproxima-se de um certo liberalismo, não económico – é muito crítico com o capitalismo –, mas de atitude, no que o liberalismo tem de defesa da liberdade pessoal e de irreduzibilidade do individual perante todos os coletivismos.

A alteridade

Ao longo da sua extensa obra, Octavio Paz mencionou muitas vezes temas transcendentais como o da religião, mas sempre de um ponto de vista exterior, como fenómeno cultural. Os

seus anos de juventude, em que adota o marxismo, deixaram-lhe a sequela, quando o abandona, de um ateísmo implícito, ainda que não militante.

Nos últimos anos, depois de uma efémera aproximação ao budismo, começou a intuir que, pelo menos, a preocupação pela transcendência não só não está superada, como é uma constante humana. Escreveu: “Deve haver outras formas de ser e talvez morrer seja só uma passagem”. E noutra ocasião: “Há no homem uma parte aberta ao infinito, ao Outro.” Embora na interpretação de Octavio Paz nada se possa dar como definitivo, porque ele próprio é fragmentário, há quem viu uma evocação desse sentido do Outro no que é talvez o seu mais famoso poema: “Hermandad”.

Sou homem, duro pouco

E é enorme a noite.

Mas olho para cima:

As estrelas escrevem-me.

Sem entender compreendo:

Também sou escrita

E neste mesmo instante

Alguém me soletra.

Em todo o caso, já no precoce “El laberinto de la soledad”, Paz tinha entendido a transcendência como “as mãos de outros solitários”. A alteridade são também os outros. As críticas de Paz às deformações das ideologias e ao excessivo poder do Estado tinham como objetivo a defesa e guarda do ser humano.

Posteridade

Durante anos, as publicações de esquerda votaram-no ao ostracismo. A partir de posições mais conservadoras, também não se entendia muito o jogo de Paz, que parecia equívoco. No entanto, ele teve sempre, até ao dia de hoje, um público não muito amplo, mas que desfruta com a qualidade da sua prosa e com a sua assombrosa erudição.

O mais importante de Paz, no centenário do seu nascimento, continua a ser o seu vasto interesse por tudo, a sua atenção à

evolução dos tempos e a sua preferência por essa tríade formada pela poesia, a liberdade e o amor.

R. G. P.

(com autorização de

www.aceprensa.pt)

Lufadas do pensamento político de Octavio Paz

A tradição liberal. “Desde há mais de trinta anos que rompi com o marxismo-leninismo. Ao mesmo tempo, comecei a descobrir – melhor dito, a redescobrir – a tradição liberal e democrática. A determinada altura senti atração pelo pensamento libertário; ainda o respeito, mas as minhas afinidades mais certas e profundas encontram-se na herança liberal. Com todos os seus inegáveis defeitos, a democracia representativa é o único regime capaz de assegurar uma convivência civilizada, desde que acompanhado por um sistema de garantias individuais e sociais e assente numa clara divisão de poderes. Penso, por último, que as novas gerações terão de elaborar, rapidamente, uma filosofia política que acolha a dupla herança do socialismo e do liberalismo” (“Alba de la libertad”, 1990).

O mecanismo do mercado. “O triunfo da economia de mercado – um triunfo por *défault* do adversário – não pode ser unicamente motivo de regozijo. O mercado é um mecanismo eficaz mas, como todos os mecanismos, não tem consciência e muito menos misericórdia. Tem de se encontrar a maneira de o inserir na sociedade, para que seja a expressão do pacto social e um instrumento de justiça e equidade. As sociedades democráticas desenvolvidas alcançaram uma prosperidade invejável; são igualmente ilhas de abundância no oceano da miséria universal. O tema do mercado tem uma relação muito estreita com a deterioração do ambiente. A poluição não só infesta o ar, os rios e as florestas, como as almas. Uma sociedade possuída pelo frenesim de produzir mais para consumir mais, tende a converter as ideias, os sentimentos, a arte, o amor, a amizade e as próprias pessoas em objetos de consumo. Tudo se torna uma coisa que se compra, se usa e se atira para o lixo. Nenhuma sociedade tinha produzido tantos resíduos como a nossa. Resíduos materiais e morais” (Discurso ao receber o Prémio Nobel da Literatura, 1990).

Filosofias da história. “O derrube do marxismo, última doutrina política meta histórica, significa o desvanecimento de todas essas ideias e doutrinas que atribuíam um desígnio à história. O verdadeiro cadáver intelectual do nosso tempo não

é o do marxismo, mas o da ideia da história como depositária de uma mítica transcendência. Uma transcendência orientada não para a vida sobrenatural, mas para o futuro. A queda do comunismo burocrático não só foi a derrota de um sistema iníquo de dominação, mas de uma doutrina que se apresentou como a herança e a superação da filosofia da história de Hegel. Com o materialismo histórico esfumaram-se as outras filosofias da história.

”Acho que o pensamento político de amanhã não poderá ignorar certas realidades esquecidas ou desdenhadas por quase todos os pensadores políticos da modernidade. Falo do imenso e poderoso domínio da afetividade: o amor, o ódio, a inveja, o interesse, a amizade, a fidelidade. É bom voltar aos clássicos para apreciar a importância da influência das paixões nas sociedades” (“Respuestas nuevas a preguntas viejas”, 1992).

A virtude e a saúde política das sociedades. “A massificação (palavra horrível) dos cidadãos e a transformação do debate público em espetáculo, são traços que degradam as democracias modernas. Denunciar esses males é defender a verdadeira democracia. Mas há outra doença não menos inquietante. Tanto para os pensadores antigos como para os modernos, de Aristóteles e Cícero a Locke e Montesquieu, sem esquecer o próprio Maquiavel, a saúde política das sociedades dependia da *virtude* dos cidadãos. Discutiu-se sempre o sentido dessa palavra – a interpretação de Nietzsche é memorável – mas qualquer que seja a aceção que se escolha, o vocábulo denota *sempre* domínio sobre nós mesmos. Quando a virtude vacila e as paixões nos dominam – quase sempre as inferiores: a inveja, a vaidade, a ganância, a luxúria, a preguiça – as repúblicas morrem. Quando já não podemos dominar os nossos apetites, estamos prontos a ser dominados pelo estranho.

”O mercado minou todas as antigas crenças – muitas delas, aceito-o, nefastas – mas em seu lugar instalou somente uma paixão: a de comprar coisas e consumir este ou aquele objeto. O nosso hedonismo não é uma filosofia do prazer, mas uma abdicação da vontade e teria escandalizado igualmente o doce Epicuro e o frenético Donatien de Sade. O hedonismo não é o pecado das democracias modernas: o seu pecado é o conformismo, a vulgaridade das suas paixões, a uniformidade dos seus gostos, ideias e convicções” (“Itinerario”, 1993).

A queda do comunismo. “Marx e Engels referiram-se sempre com muita energia à diferença entre o que eles chamavam ‘socialismo utópico’ e o seu sistema, que denominaram com ingenuidade ‘científico’. O que foi derrubado não era o ‘socialismo utópico’, mas o ‘socialismo científico’. E foi derrubado, entre outras coisas, porque não era científico: quase nenhuma das previsões de Marx se realizou. A realidade desmentiu a ‘ciência’ marxista. E há algo mais: no século XX, o marxismo foi deformado por Lenine (embora tenha sido com as melhores intenções). Ele também acreditava totalmente que o marxismo era uma ciência e a sua contribuição principal foi convertê-lo numa técnica para a tomada do poder. A ciência transformou-se em técnica, e a técnica em catecismo. Mas o mais grave foi que o marxismo-

leninismo se tornou uma doutrina fechada, impermeável à crítica, ao serviço da ditadura de uma casta burocrática. O leninismo, ou seja, a concepção do partido comunista como 'vanguarda do proletariado', significou realmente a transformação da generosa embora equivocada hipótese de Marx, numa escolástica de tiranos" ("Un escritor mexicano ante la Unión Soviética", 1991).

Nota:

Uma cuidada antologia dos escritos políticos de Octavio Paz, sobretudo da sua última época, pode encontrar-se em "Sueño en libertad", com seleção e prólogo de Yvon Grenier, Editorial Seix Barral, Barcelona (2001), 465 págs.